



ANTONIO CANDIDO, ALFREDO BOSI, JOSÉ ADERALDO CASTELLO, JOSÉ MIGUEL WISNIK, DECIO DE ALMEIDA PRADO [DE PÉ], ZENIR CAMPOS REIS, FLÁVIO AGUIAR, ROBERTO DE OLIVEIRA BRANDÃO, AMAURI MÁRIO TONUCCI SANCHEZ, ANTONIO DIMAS, ALCIDES VILLAÇA [SENTADOS]. FOTO TIRADA AO FINAL DO CONCURSO DE EFETIVAÇÃO PARA LITERATURA BRASILEIRA, EM 1976.

ANTONIO CANDIDO, O HOMEM E O TEXTO

Luiz Roncari

Não fui dos felizes que privaram com o professor Antonio Candido, tive poucos contatos pessoais com ele, por isso não tenho muito o que falar sobre o homem. Apenas fui seu aluno, no último curso que deu na pós-graduação da FFLCH, sobre *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, em 1974. Infelizmente, fui preso logo depois da primeira aula, às vésperas da Semana Santa. Quando me soltaram, tive tempo ainda de assistir à última aula do curso. No final dela, o professor pediu-me que o esperasse, pois precisava falar comigo. Ele me disse que iria repor as aulas que eu havia perdido e disse-me que o procurasse em sua sala, onde atendia os alunos, num dos apartamentos do bloco C do Crusp, às quartas-feiras. Foi aí que conheci a força de um homem de aparência frágil, esbelto, elegante e de gestos em tudo delicados. Apesar da sua generosidade e atenção, eu disse a ele que não sabia se iria conseguir fazer o trabalho de conclusão de curso (no tempo, só conseguia escrever poesias e contos eróticos), e ele me disse “– Pois é, às vezes a vida da gente desanda”. Não fiz o trabalho e não tive a nota de aproveitamento. Quando, depois, ocasionalmente nos encontrávamos, ele fazia questão de me chamar pelo nome inteiro, “senhor Luiz Dagobert de Aguirra Roncari”, e dizia que eu tinha um nome medieval, de romance de cavalaria. Isso vale só como exemplo da sua excelente memória, pois devia guardar os nomes inteiros de todos os seus ex-alunos, e ele mesmo dizia que um professor deve ter boa memória. Esse era o seu caso, capaz de declamar de cor em suas aulas longos poemas e páginas inteiras de romances. Mas não era o meu caso.

Se pouco posso testemunhar da sua convivência, isso não quer dizer que ele não me interessasse também como pessoa; ao contrário, sempre o acompanhei, apesar da distância, em cada passo que dava, porque tudo o que fazia tinha também um significado para mim, principalmente da sua vida participativa, sindical, política e partidária. Acho que poucos homens souberam reunir tão bem a vida ativa com a intelectual, uma

enriquecendo a outra, e compor um todo íntegro. Dos que me lembro melhor, ainda que de modos muito diferentes, que combinaram a produção literária e intelectual com a ação social mais ampla, me vêm à mente Mário de Andrade, como missivista e agente cultural; Machado de Assis, como cronista da vida corriqueira e política, funcionário público e fundador da Academia Brasileira de Letras; e Guimarães Rosa, principalmente na sua ação como funcionário do corpo diplomático do Itamaraty. Foi no velório de Antonio Candido – quando a nossa vida ganha um fecho e nada mais pode acontecer que mude o nosso julgamento definitivo sobre ela –, ao pé do seu esquife, que a dele me veio por inteiro, como numa visão. Era a de um homem que teve uma vida inteira em linha reta, no plano familiar, intelectual, e político, sem que nunca soubesse de nada que tivesse tido de corrigir ou rever. Ele foi de fato um *cidadão*, um homem inteiro, íntegro, exemplar. Disse mais ou menos isso a sua filha, Ana Luísa, ao me despedir; depois, não me lembro bem, pela minha péssima memória e a emoção do momento, não sei se expressei a ela os meus sentimentos pela perda ou se a cumprimentei pelo pai que tinha tido. Para mim foram as duas coisas, e ela, muito gentilmente, só me disse que reconhecia a sinceridade do que eu dizia.

Se foram poucos os contatos que tive com o homem, não posso dizer o mesmo quanto aos seus textos. Eu dizia a meus alunos que, entre as muitas bênçãos que tivemos em nossa vida intelectual em São Paulo e na USP, três reinavam sobranceiras, como três estrelas guias: Mário de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda e Antonio Candido. Dizia que essa era apenas a minha opinião, pessoal e subjetiva, e que muitos, do mesmo modo, teriam outras para se orientarem. Mas, para mim, eram os seus trabalhos que me davam a pauta e o padrão a seguir em muito do que estudava e escrevia; por isso, era como uma obrigação ler tudo o que escreveram. Dos trabalhos mais densos, aos mais circunstanciais, deixar escapar um só seria como uma perda. Procurei expressar isso citando-os sempre nos meus estudos, não como homenagem, pois não gostavam disso e muito menos da posição do *medalhão*, mas pelo que apontavam de caminhos e abriam novas perspectivas de investigação. Eram sempre pistas ou sinais que me orientavam. O que tinham em comum e que me atraía tanto, creio que era principalmente a confiança que passavam pela erudição e conhecimento sólidos, o que me obrigava a reconhecer as suas sinceridades, sabia que não iriam me enganar, por isso entregava-me inteiro a eles, sem nenhum cuidado ou pé-atrás. Nunca me arrependi disso.

Uma vez, outro grande mestre, ímpar na capacidade de descer do tablado e ouvir o aluno e fazê-lo falar, o professor João Alexandre Barbosa, disse-me que lia também tudo o que podia do Candido, porque ele o fazia se sentir inteligente, era essa sua capa-

cidade de fazer o leitor se sentir inteligente o que mais admirava nele. Eu concordei e disse-lhe que tinha o mesmo sentimento ao assistir aos filmes do Hitchcock, a sua narrativa cinematográfica alusiva e irônica me provocava o mesmo sentimento prazeroso. A comparação era um tanto despropositada, mas com o Candido era isso que eu também sentia: o respeito que ele tinha pelo leitor era o mesmo que tinha pelo seu objeto de estudo ou de representação, não banalizava nunca, mantinha a complexidade do que tratava e tentava compartilhá-la, mas também evitava os excessos, o exibicionismo e as obscuridades que provocam a impressão de profundidade. Ele sabia prender-se ao objeto do qual falava e valorizava-o, tinha em conta que o importante era o autor do qual tratava e não o crítico, este não deveria tomar a frente e ocupar o seu lugar como centro de interesse. Ele tinha justamente isto, o senso de medida de um clássico, e entregava ao leitor o melhor do que tinha a dizer sobre o tema, livro ou autor de que cuidava. E o leitor se regozijava, em se sentir capacitado de entender coisas tão complexas e sutis. Era isso, não que o seu texto fosse claro, o que ele tinha era uma claridade de que só um espírito luminoso podia impregnar a sua crítica materialista. O todo do autor irradiava em cada detalhe e particularidade do que discorria. Como ninguém, ele evitava o jargão especializado, embora o dominasse por completo, e renunciava à citação ou à exibição de erudição, que era grande, mas evitava mostrá-la sem a devida pertinência. Foi um mestre que soube aliar a sabedoria ao conhecimento: a primeira sem o segundo pode tornar-se vazia e estéril, e o último sem ela pode tornar-se fútil e pedante.

De modo que, em tudo que fiz e escrevi, sempre os citei em meus trabalhos, como aberturas e pistas que me davam para desenvolvê-los. Tinha sempre essas três estrelas guias que souberam reconhecer o Brasil e o povo brasileiro, índios, negros, mestiços, imigrantes, migrantes, brancos, em todas as suas grandezas e misérias, sem ufanismos nem mistificações, mas como críticos de realidades exploradas, sofridas e injustiçadas, porém também capazes de grandezas humanas, intelectuais e artísticas. Nunca deixaram de acreditar e contribuir com o que tinham de melhor de si, que era muito, para resgatar esses seres da condição subordinada e servil a que tinham sido reduzidos. Eles amavam o Brasil e o brasileiro, souberam vê-los em suas relações enriquecedoras e inquietantes com o universal e o internacional, e tudo fizeram para torná-los melhores.

Luiz Roncari, 18 de junho de 2017